

“Qualquer coisa de intermédio”

As relações de interesse e poder entre entrevistador e fonte: o caso da Casa Branca, Bayeux - PB

Rubens Elias da Silva*

Índice

1 Introdução e descrição do lugar	2
2 Relação entre entrevistador e fonte: algumas situações enfrentadas	2
3 Entrevista: poder e interesse envolvidos	3
4 Conclusão: algumas reflexões	5
5 Referências bibliográficas	5

“Eu mesmo tenho freqüentemente lembrado que, se existe uma verdade, é que a verdade é um lugar de lutas”
Pierre Bourdieu

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações de poder e interesse entre entrevistador e fonte, e seus possíveis desdobramentos numa sociedade cujo processo de informação é intermediado pelos media. Este relato de caso é fruto de nossa pesquisa de mestrado na comunidade da Casa

*Professor do curso de Jornalismo desta IES. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo e mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mails: mytheores@yahoo.com.br, rubenselias2005@gmail.com.

Branca, Bayeux, Estado da Paraíba. Nosso referencial teórico é desenvolvido através do pensamento de Max Weber, Pierre Bourdieu, Foucault e Cornu. Pensamos o jogo do poder como algo que perpassa todas as esferas da sociedade, disciplinando corpos e condutas, e isto também acontece durante o processo de captação da informação entre os agente envolvidos.

Palavras-chave: interesse, poder, entrevista.

Abstract

The aim of this work is to analyze the relations of interest and power among interviewer and interviewee and your possible unfoldings in a society whose process of information is intermediated for the media. This report of case is result of our research of master's degree in the community of Casa Branca, Bayeux, State of Paraíba. Our theoretical referential about interest and power is developed through Max Weber's thought, Pierre Bourdieu, Foucault and Cornu. We thought the strategy of power as something that is all the spheres of the society, disciplining bodies and conducts, and this also happens during the process

of captation of the information among the involved agents.

Keywords: interest, power, interview.

1 Introdução e descrição do lugar

Este trabalho tem como proposta discursiva analisar as relações de poder imbricadas no binômio entrevistador-fonte e seus possíveis desdobramentos numa sociedade cujo processo da informação é intermediado pelos *media*. Este relato de caso é fruto de nossa experiência na comunidade da Casa Branca, em Bayeux, Estado da Paraíba, durante pesquisa de mestrado intitulada “Sob o olhar do Pai do Mangue: a relação homem-natureza e a mediação das narrativas míticas” – o caso da comunidade da Casa Branca – Bayeux / PB, defendida em outubro de 2003. Com isso, observou-se *in loco* as relações de poder e interesse que foram desencadeadas durante entrevistas e no contato informal, entre pesquisador (entrevistador) e fonte. O primeiro contato com a comunidade deu-se no ano de 1999, em virtude do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo.

A comunidade da Casa Branca está localizada no município de Bayeux, às margens do Rio Paroeira. Ela possui – em torno de cinco ruas – que se interceptam, criando inúmeras ruelas. O surgimento da comunidade confunde-se com o desenvolvimento do município de Bayeux. O crescimento da Casa Branca foi acelerado após a década de 1950 do século passado, e o principal fator da ocupação dos terrenos da porção norte do município deve-se ao fato de estar próximo à Avenida Liberdade, importante via de inter-

ligação entre as cidades do interior e a capital paraibana. Assim, o desenvolvimento econômico da cidade foi impulsionado, neste período, pelo intenso tráfego de automóveis vindos de diferentes partes do Estado.

A Casa Branca tem cerca de 2.500 habitantes,¹ sendo que parte significativa da população vive de atividades vinculadas à pesca no rio e extração de vários produtos do mangue. Pode-se afirmar que importante parcela desta percentagem está relacionada à atividades no mangue, uma vez que o número de homens e mulheres que “vivem” da pesca de peixe, caranguejo, marisco é bastante pronunciado.² Trata-se, então, de uma comunidade de baixo poder aquisitivo.

2 Relação entre entrevistador e fonte: algumas situações enfrentadas

Antes de analisarmos as variáveis, propomos a descrever algumas situações embaraçosas (estas ocorreram tanto na apuração de dados durante a pesquisa de conclusão do curso de graduação quanto na de mestrado), que suscitam reflexões deontológicas que, vez ou outra, o profissional de comunicação – em especial o jornalista – se depara em campo, principalmente, no ato da entrevista. Como recorte metodológico, nosso foco de análise dar-se-á circunscrito na captação da informação através da *entrevista*.

Vejam agora algumas situações elencadas por nós:

¹ Estimativa dos próprios moradores.

² Eles afirmam que a principal causa deste fenômeno é o desemprego no trabalho formal.

Situação 1:

No momento da entrevista para a reportagem documental, uma das entrevistadas, logo após um primeiro contato, começou a discorrer sobre sua situação financeira, e perguntou-nos se não tínhamos como ajudá-la a obter uma “cesta básica”.

Situação 2:

Num outro episódio, a fonte nos recebeu amistosamente, discorreu sobre a história da comunidade, a importância da politização da comunidade, etc. Até aí, tudo bem. Num segundo contato, a fonte sugere que “abracemos” a causa que ela acredita justa, sensibilize-nos pelos problemas enfrentados na comunidade, e passe a ser um “associado”.

Situação 3:

Há discórdia na comunidade no tocante aos rumos da Associação de Moradores na política municipal de alianças. Este problema, fruto de divergências ideológicas, acabou por afetar o trabalho jornalístico: as fontes tentavam envolver-nos em suas questões políticas e ideológicas, quando não desmerecendo o trabalho realizado pela outra parte.

Situação 4:

Geralmente, as fontes acreditavam que o nosso trabalho estava diretamente vinculado à Prefeitura Municipal, gerando inúmeros equívocos, seja de quem apoiava, ou não.

Situação 5:

Apesar das inúmeras explicações, algumas fontes ainda acreditavam que fazíamos parte do poder político vigente.

Desta forma, esperavam que as melhorias da comunidade fossem realizadas por nosso intermédio, pois teríamos “facilidades” para entrar em contato com o “prefeito”.

3 Entrevista: poder e interesse envolvidos

No binômio entrevistador-fonte, existe uma rede de forças atuantes, ora conflitantes, ora em sintonia de acordo com os interesses das partes envolvidas. A entrevista é a etapa do processo de captação da informação que estas forças coercitivas tornam-se evidentes. Segundo Medina (1990: 23), o interesse do entrevistador ao escolher uma fonte para entrevistar obedece às influências do grupo ao qual ele pertence, da sociedade e da criação e iniciativas dos produtores, esquema este correspondente à indústria cultural contemporânea. Nem sempre estas premissas estão em consonância com as expectativas da fonte entrevistada, é verdade. A fonte, *a fortiori*, deseja ter suas informações divulgadas, seu ponto de vista exposto, alguns ganhos materiais ou simbólicos e, não muito raro, participar de um universo simbólico que a retira do anonimato para o reconhecimento público, obviamente dependendo das circunstâncias envolvidas no fato. Sendo o jornalismo uma atividade profissional cujo objetivo é investigar, reunir, contextualizar criticamente o público, nem sempre a fonte é educada para compreender as especificidades desta profissão, muitas vezes encarada pela comunidade em questão como mero assistencialismo (situações 1 e 5), proselitismo ((situações 2 e 3) e/ou politicagem barata (situações 4 e 5).

Com isso, deparamo-nos com um pro-

blema de ordem deontológica do jornalista em relação à fonte. Sendo a deontologia o conjunto de regras de aplicação de uma ética (CORNU, 1998: 9), no caso a jornalística, o entrevistador deve estar consciente das limitações e possíveis riscos que uma conduta mal dirigida pode acarretar: aceitar subornar-se para obter uma informação pode acarretar-lhe problemas de curto ou médio prazo que podem ser dificilmente reparados. Uma vez aceita a proposta de conceder uma cesta básica – por que não, alguns se perguntariam – dificilmente na comunidade obter-se-ia informações sem a concessão prévia de um “jabá”³. Com isso, o entrevistador precisa estar consciente de que no “jogo” da busca da informação, os interesses da fonte – e até mesmo do entrevistador – estão muito além da inocente tarefa de informar a sociedade do que acontece no interior da mesma. Ademais, o entrevistador deve estar ciente de que as fontes são um importante agente no processo de captação de informação, uma vez que elas “dominam as operações e decidem quanto ao conteúdo e ao momento da informação” (CORNU, 1998, p. 88). Desta forma, entrevistador e fonte se alternam neste jogo do poder, dependendo das circunstâncias atuantes.

Pensamos no jogo do poder, tomando como referencial teórico o conceito de Michel Foucault (1984), onde as relações de poder perpassam todas as esferas da sociedade, sendo cambiantes e cambiáveis, disciplinando corpos e condutas. Assim, na relação entrevistador-fonte, ambos exercem poder: o entrevistador é legitimado pela empresa que o emprega e dá-lhe autoridade e

³ No jargão jornalístico, “presente” que a fonte oferece ao jornalista em busca de benefício pessoal.

a fonte detém a informação que o entrevistador procura e ambiciona, e cabe à fonte – e em quais circunstâncias – pronunciar-se, se o desejar, omitir, falar parcialmente... Pode-se, em linhas gerais, pontuar que, embora Medina preconize o diálogo – acreditamos que entre estes dois agentes há apenas uma simulação de concessões previamente *racionalizadas*. Com isso, Medina (1990: 44) pontua que:

Nesta inter-relação simbólica em que se dá a entrevista, não se pode omitir também o real e o imaginário do próprio repórter (...) ambos os oponentes (...), entrarão em campo através de uma linguagem (verbal ou não-verbal), num modo de dizer, comprometida com o real e o imaginário de cada um.

Bourdieu, na obra *Razões Práticas*, debate a respeito da conduta dos agentes e os interesses atuantes nas suas ações cotidianas. Para ele, a conduta humana é realizada através de jogos que têm alvos pré-estabelecidos, movidos por interesses dos mais variados matizes. Segundo Bourdieu (1997: 138):

interesse é “estar em”, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos.

O entrevistador e a fonte participam de uma interação social (Medina, 1990: 8), cujos alvos já foram explicados e desenvolvidos, e dependem precipuamente do contexto da entrevista. Os alvos para Bourdieu seriam as metas a serem atingidas: ao entrevistador, obter uma matéria que desperte o interesse do público; à fonte, ter seu ponto

de vista divulgado e respeitado pelo veículo e pela audiência. Diferentemente de Bourdieu (1997), Max Weber (1999) analisa a conduta humana através da antinomia dos valores aí envolvidos: as éticas da convicção e da responsabilidade. Weber afirma que os indivíduos elaboram suas ações a partir de um universo conceitual intrínseco, intermediado por influências sociais e históricas. Assim, estes indivíduos entram em conflito por causa de suas “idéias de valor” (WEBER, 2002: 92), (WEBER, 2000), (ARON, 1999: 448), ou como Aron (1999: 493), em sua análise a respeito da sociologia weberiana, explicita que “para Max Weber, as sociedades são feitas tanto de lutas como de acordos”. Com isso, pode-se afirmar que, segundo estes autores, na interação entre entrevistador e fonte há interesses e idéias de valor que nem sempre estão em convergência.

4 Conclusão: algumas reflexões

Mário de Sá-Carneiro, poeta português do século 20, nos oferece o belo poema “7” como metáfora para compreendermos a natureza do trabalho do entrevistador junto à fonte: “eu não sou eu nem sou o outro/ sou qualquer coisa de intermédio/ pilar da ponte de tédio / que vai de mim para o outro”. O ato de entrevistar é, sobremaneira, um encontro de subjetividades que interagem no levantamento de dados a respeito de um fato tido como “noticioso” (MEDINA, 1990), (GARRET, 1981). O entrevistado e a fonte deixam de ser “individualidades” e passam a ser algo mais permeável, interativo, graças – sem dúvida – à linguagem verbal e não-verbal: eis o “intermédio” que Sá-Carneiro fala. Obviamente, defendemos que no momento da entrevista, entrevista-

dor e fonte realizem um *diálogo* (MEDINA, 1990). Como o antropólogo Clifford Geertz (2001: 31) enfatiza as interações sociais “envolve(m) contatos diretos, íntimos e mais ou menos perturbadoras com os detalhes imediatos da vida contemporânea, contatos de um tipo que dificilmente pode deixar de afetar a sensibilidade das pessoas que os realizam”.

Conforme enumeramos neste relato de caso, muitas vezes a fonte tenta negociar, deliberadamente ou não, conscientemente ou não, com o entrevistador o que ela considera passível de venda: a informação. A informação, sem dúvida, é a matéria-prima do jornalista e um bem simbólico de interesse público: o bom jornalista jamais deve negociá-lo, para que haja “equilíbrio” numa sociedade democrática que defende a liberdade de expressão e o direito à informação. Bucci, no livro *Sobre Ética e Imprensa*, fala que a natureza do trabalho jornalístico não se dá entre sujeito e objeto – delimitação epistemológica das ciências naturais – mas entre sujeitos. Assim, Bucci (2000: 93) diz que o trabalho de investigação jornalística dá-se quando a objetividade seja “justa, transparente e equilibrada apresentação de subjetividades”. Justiça, transparência e equilíbrio, portanto, não podem ser negligenciados em nome da necessidade do jornalista em informar e da conveniência da fonte ao tentar “vender” o que ela presenciou ou supostamente sabe.

5 Referências bibliográficas

- ARON, R. (2000), *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, P. (1997), *Razões práticas:*

- Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.
- BUCCI, E. (2000), *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- COHN, G. (org.). (2002), *Max Weber*. São Paulo: Ática.
- CORNU, D. (1998), *Ética na informação*. Bauru: EDUSC.
- FOUCAULT, M. (1984), *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. (1987), *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- GARRET, A. M. (1981), *A entrevista, seus princípios e métodos*. Rio de Janeiro: Agir.
- GEERTZ, C. (2001), *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MEDINA, C. (1990), *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- SILVA, R. E. (2003), *Sob o olhar do Pai do Mangue: a relação homem-natureza e a mediação das narrativas míticas – o caso da comunidade da Casa Branca – Bayeux / PB. João Pessoa. 88p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.*
- WEBER, M. (1999), *Economia e sociedade*. Brasília: EDUNB.